

ISSN: 1º Volume.
DOI: 10.5281/zenodo.7271994
<https://www.ceala.org/revista-ceps-primeira>

Recebido: 21/10/2022.
Aceito: 30/10/2022.
Publicado: 14/12/2022.

Como citar:
GÓMEZ, J. Ensinar ou aprender fora dos circuitos escolares. *R. CEPS. Pesq. Econ. e Soc.* v. 1, n. 1, dez./mar., 2022.

Autor correspondente:
GÓMEZ, J. E-mail: tinocoje@yahoo.com.br

Ensinar ou aprender fora dos circuitos escolares: uma experiência no Bairro da Paz, em Salvador (BA)

Jesús Enrique Tinoco GÓMEZ¹
Pesquisador do CEPS.

RESUMO

Mostra através da análise de uma experiência concreta no Bairro da Paz, Salvador, Bahia, como a identificação clara dos atores do processo de aprendizagem facilita o de geração de conhecimento de forma colaborativa, participativa e conjunta; metodologicamente, trata-se de uma pesquisa ação, um tipo de pesquisa social baseada em evidências, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, na qual os pesquisadores e participantes representantes da situação ou problema estão engajados de forma cooperativa ou participativa; sendo que os resultados mostram benéficos tanto para o sujeito/objeto da aprendizagem quanto para a instituição de apoio.

Palavras-chave:

Educação.
Participação.
Empreendedorismo Social.

RESUMEN

Muestra, a través del análisis de una experiencia concreta en Bairro da Paz, Salvador, Bahía, cómo la identificación clara de los actores en el proceso de aprendizaje facilita la generación de conocimiento de forma colaborativa, participativa y conjunta; metodológicamente, es una investigación acción, un tipo de investigación social basada en evidencias, concebida y realizada en estrecha asociación con una acción o con la resolución de un problema colectivo, en la que se involucran los investigadores y los participantes que representan la situación o problema. de manera cooperativa o participativa; y los resultados se muestran benéficos tanto para el sujeto/objeto de aprendizaje como para la institución de apoyo.

Palabras clave:

Educación.
Participación.
Emprendimiento Social.

ABSTRACT

Shows through the analysis of a concrete experience in Bairro da Paz, Salvador, Bahia, how the clear identification of the actors of the learning process facilitates the generation of knowledge in a collaborative, participatory and joint way; methodologically, it is an action research, a type of evidence-based social research, conceived and carried out in close association with an action or with the resolution of a collective problem, in which researchers and participants representing the situation or problem are engaged in a cooperative or participatory way; and the results show beneficial for both the subject/object of learning and the support institution.

Keywords:

Education.
Participation.
Social Entrepreneurship.

¹ Peruano radicado em Salvador, Bahia. Engenheiro Agrônomo (Universidade Nacional Agrária "La Molina", Lima). Associado do CONAP, com experiência profissional em ações de desenvolvimento sustentável, planejamento participativo, avaliação de projetos, ações de compensação socioambiental e empreendedorismo com organizações da população urbana e rural; por meio de órgãos públicos e privados, entre outros: Sistema Nacional de Apoio à Mobilização Social (SINAMOS), Instituto Nacional de Planejamento (INP), Centro de Estudos de Desenvolvimento e Participação (CEDEP) e Centro de Informação e Desenvolvimento Internacional da Autogestão (CIDIAG), no Peru, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Secretaria de Planejamento da Bahia (SEPLAN, Governo do Estado), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Programa do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), no Brasil. (Texto informado pelo autor).

1 APRESENTAÇÃO

Esse dilema, ensino ou aprendizagem, vem sendo superado há muito tempo na educação formal, como pode ser visto na produção acadêmica, dentre as quais o registro de Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo na sua tese de doutorado de 2000, intitulada "Colaboração, trabalho em equipe e tecnologias de comunicação: relações de proximidade em cursos de pós-graduação". Nessa dissertação, a autora dedica o primeiro capítulo ao tema: Ensino e aprendizagem -as duas faces da educação.

Educação escolar e colaboração são ações intrinsecamente ligadas. O ensino e a aprendizagem são o verso e o reverso da mesma medalha - educação - e envolvem ações colaborativas, participativas e conjuntas. É essencial perceber essa relação para a compreensão dessa tese (CORTELAZZO, 2000, p. 6).

Embora essa formulação tenha sido trabalhada para cursos de pós-graduação, em princípio, também deve ser válida para o trabalho educacional fora do circuito escolar, no processo de produção de conhecimento em outros espaços de construção coletiva, como organizações sociais, econômicas, culturais, políticas, entre outros.

No entanto, na prática cotidiana nem sempre funciona assim; pelo contrário, a tendência é que o ator com ensino superior, que pode ser chamado de conselheiro, consultor, gerente técnico, ou de outras figuras, geralmente "ensina". Essa é uma tendência que pode gerar processos considerados simpáticos, fluidos, agradáveis, mas que têm resultados ineficientes, se não nulos e até negativos, a fim de produzir o conhecimento desejado.

Esse artigo tem como objetivo mostrar que uma identificação clara dos atores do processo de aprendizagem facilita o processo de geração de conhecimento de forma colaborativa, participativa e conjunta, identificando e descrevendo os processos que vários atores sociais e institucionais têm colocado em prática.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa ação, um tipo de pesquisa social baseada em evidências, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, na qual os pesquisadores e participantes representantes da situação ou problema estão engajados de forma cooperativa ou participativa; nesse caso, a referência é uma experiência concreta no Bairro da Paz, Salvador (BA), com sua população representada por meio de suas organizações.

2 O CONTEXTO

O Bairro da Paz inaugurou sua presença na cidade de Salvador em 1982, quando grupos de pessoas excluídas do mercado imobiliário ocuparam a área margeada lateralmente pela Avenida Orlando Gomes, o Parque de Exposições Agropecuárias da Bahia e a Avenida Paralela. O poder público e privado considerou essa ação como uma invasão e agiu em conformidade; o confronto durou mais de um ano, e os ocupantes escolheram como seu nome: Las Malvinas, por reflexo e homenagem à guerra entre Argentina e Inglaterra pela posse das Ilhas Malvinas. Após a fase de confronto, veio o estágio das negociações, com os inevitáveis conflitos, até que se estabeleceu como uma comunidade, adotando o nome

de Bairro da Paz. (MAGALHÃES, 2011, p. 79)

Nesse processo de consolidação, o bairro com características próprias iniciou sua inserção em uma cidade que, na época, tinha dificuldades para absorver a força de trabalho de sua população, tanto da cidade quanto a do bairro. Quanto aos serviços básicos de educação, saúde, segurança, saneamento e energia, eram deficientes, reproduzindo uma situação geral, sendo que no caso do Bairro da Paz, atingiam níveis de maior precariedade.

Uma característica diferenciadora do Bairro da Paz foi sua capacidade de gerar organizações de acordo com suas necessidades, que convergiram em uma representação mais coesa e transparente, especialmente o Conselho de Moradores, que assumiu a liderança naquele período inicial. Nesse sentido, o papel dessa organização social na busca de soluções para o bairro foi fundamental, na articulação com organizações públicas e privadas, e principalmente na identificação do associativismo/cooperativismo como alternativa de melhores condições para a população trabalhadora do Bairro.

Destaque-se que, em diferentes momentos, diversos órgãos públicos municipais, estaduais e federais, empresas públicas e privadas, organizações não governamentais têm trabalhado em apoio ao Bairro da Paz. Por outro lado, a cultura de coordenação e cooperação presente no bairro contribuiu para gerar soluções para melhorar a qualidade de vida de seus moradores.

A ONG Parque Social, que atua na perspectiva de difundir a cultura do empreendedorismo social, como ferramenta de empoderamento comunitário, participação cidadã, corresponsabilidade e compromisso com resultados para a melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento sustentável, considerou projetar sua atuação no Bairro da Paz. Nesse sentido, projetou, em 2013, o Programa Comunidade Empreende como âncora desta proposta, considerando como empreendedor social, indivíduos com soluções inovadoras para os problemas mais urgentes da sociedade, fortemente comprometidos com uma causa comum.

Assim, o Programa Comunidade Empreende foi desenhado com base nos princípios subjacentes ao empreendedorismo social; entenderam, como explica Melo Neto e Froes (2002), que o empreendedorismo social tem um escopo diferenciado do empreendedorismo privado nos seguintes aspectos: (1) produção de bens e serviços para resolver problemas sociais, não necessariamente para vender; e (2), portanto, não visando mercados, mas segmentos da população em risco social (exclusão social, pobreza, risco de vida).

Essa dinâmica faz parte da perspectiva do desenvolvimento local, onde o protagonismo social, que traduz a percepção dos atores envolvidos na dinâmica local como sujeitos de seu próprio projeto de mudança, é capaz de estabelecer as diretrizes para o protagonismo do Estado ou grandes instituições. Ou seja, a proposta implica que identificar e avaliar o potencial de cooperação presente em cada território, referido como ativo social, é o ponto de partida para promover processos de desenvolvimento baseados em bases locais; dentro de uma concepção sistêmica de desenvolvimento local e onde, portanto, a articulação interinstitucional e a participação social efetiva são constantemente combinadas.

A ONG Parque Social, durante seu trabalho preparatório,

percebeu que o crescimento econômico, embora essencial, não garante a inclusão social ou a redução das desigualdades; fato que, gradualmente, a levou a visualizar que seria necessário distribuir para desenvolver, mas não apenas renda, mas também conhecimento e poder; o que não é feito de cima para baixo ou de fora para dentro.

Seguindo métodos e rotinas administrativas próprias, a ONG Parque Social selecionou, entre diversas opções, o Bairro da Paz como cenário de sua primeira experiência, no âmbito do Programa de Empreendedorismo Comunitário; utilizando basicamente os dados existentes dessas comunidades; foram realizadas visitas técnicas e interação com seus líderes. Os critérios utilizados pela ONG Parque Social foram:

- a. Ser uma comunidade legalmente estabelecida com limites geográficos definidos;
- b. Ser uma comunidade que tem sua própria organização em operação efetiva;
- c. A organização patrocinadora considerou a opção adequada com base na localização do bairro na área geográfica de influência do trabalho que faz; e,
- d. A comunidade aceitou a proposta do Programa Comunidade Empreende e formalmente se comprometeu com suas responsabilidades e/ou contrapartidas.

Pode-se verificar que houve uma situação de convergência; inclusive a ONG Parque Social já havia formulado e aprovado uma metodologia em nível operacional, estruturada em sete etapas:

- a. Primeira etapa - Quero participar: seleção da comunidade para desenvolver a experiência, de acordo com os critérios pré-estabelecidos;
- b. Segunda etapa - compreender o empreendedorismo social; ações voltadas ao alinhamento conceitual sobre o tema Empreendedorismo Social, estimulando a participação e mobilização da comunidade;
- c. Terceira etapa - já somos empreendedores sociais e não sabíamos: elevar os ativos existentes na comunidade, conscientizando-o de seu potencial, de sua capacidade interna de transformação social gerando uma mobilização concreta para seu processo de desenvolvimento;
- d. Quarta etapa - construir nossos projetos. a construção de projetos baseados em iniciativas de empreendedorismo social, previamente identificadas, juntamente com novas ideias; em comum, a valorização da vocação, dos talentos e habilidades, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida local e a realidade dessas comunidades;
- e. Quinta etapa - nossos parceiros: procure parceiros para a materialização do projeto, entendendo que a associação pode ter diversas formas, como (1) financiamento, quando o sócio possui linhas de financiamento que podem variar desde o crédito normal até a perda de investimentos em fundos ou financiamento parcial; (2) suporte técnico, quando o parceiro oferece suporte técnico na tecnologia do projeto ou em sua gestão, de acordo com suas

especificidades; e, (3) corresponsabilidade, quando o sócio opera em empresa semelhante, negociando uma ação contratada ou coordenada;

- f. Sexta etapa - Empreendedorismo na prática: lançamento e desenvolvimento de atividades de projetos de acordo com as negociações individuais e sua coordenação territorial; e,
- g. Sétima etapa - Nossos Resultados: acompanhamento e avaliação de projetos e do Programa Comunidade Empreende.

A primeira etapa, seguindo os procedimentos e critérios da ONG Parque Social, definiu, como já foi relatado, o Bairro da Paz como o local para a primeira experiência do Programa Comunidade Empreende.

3 PROCESSO PEDAGÓGICO: EXPERIÊNCIA NO BAIRRO DA PAZ

Uma vez definido o território e a proposta de trabalho, era hora da prática efetiva; agendou-se um evento para apresentar a proposta do Programa Comunidade Empreende no Bairro da Paz, com a presença da Comunidade e convidados; contudo, naquele momento, os membros da comunidade presentes ao evento não deram sua aceitação total.

Do ponto de vista da aprendizagem foi um bom começo: a realidade local que redesenhou o roteiro original. Esse foi um fato crucial, pois ficou evidente que entre os líderes contatados existiram algumas ausências importantes. Essa constatação indicava uma estrutura organizacional forte, ativa e legítima, mas dispersa, com problemas internos de comunicação. Naturalmente que esse fato teve impacto direto nas relações de confiança entre a Comunidade e a ONG Parque Social. Por isso, além de atender a essas demandas reais, foi necessário reagendar um novo evento.

3.1 Que conhecimento, para que uso

Em uma relação institucional séria, foi, e é, uma condição necessária para continuar com o trabalho a formalização da relação entre o Bairro da Paz e a ONG Parque Social, por meio de seus legítimos representantes; lembrando que a legitimidade é concedida pelos representados e não pelo documento legal. Nessa perspectiva, foram iniciados novos encontros e um estudo detalhado das causas da situação descoordenada. As principais foram:

- a. a existência de diversas organizações comunitárias com uma entidade integradora, mas com alguns "gargalos" de comunicação, fato que exigiu mais tempo para concluir a comunicação e os respectivos processos internos de deliberação; e,
- b. a existência no imaginário da comunidade de dois elementos restritivos: (1) o antagonismo não resolvido entre o Município e a Comunidade, desde a repressão no momento da ocupação e a proximidade da ONG com o Município, considerando que seu local institucional está dentro do patrimônio municipal; e, (2) a frequência de pesquisas acadêmicas no bairro, sem retornar informações sobre o destino dos respectivos resultados.

O primeiro elemento restritivo foi resolvido com as informações que a ONG Parque Social forneceu sobre o processo de resignificação institucional e sobre o que se entende pela ação social de relevância, realizada por seu órgão gestor em 2013. O processo definiu um novo escopo de sua missão, de sua visão e dos valores que lhe dão o Norte, a partir dos quais passou a atuar com foco no empreendedorismo social e na participação cidadã.

O segundo elemento restritivo presente no imaginário do bairro foi de particular interesse e, portanto, recebeu atenção cuidadosa. Na verdade, esse bairro tem sido objeto de estudos acadêmicos de diversos tipos e escopo, predominantemente aqueles relacionados a questões de segurança pública e educação; outros temas recorrentes são os relacionados à geografia; na maioria absoluta dos casos, de acordo com declarações de líderes e cidadãos comuns, não houve retorno de qualquer tipo; em alguns casos, segundo a comunidade, recebeu, por meio de sua organização, uma cópia do documento produzido, que geralmente não era divulgado. seja por falta de recursos para sua reprodução ou pela necessidade de prestar atenção a outras demandas. Somente em um caso, a autora da pesquisa, Idimara Maria Paes Dantas, retornou ao bairro e fez uma apresentação do documento produzido, ficando bastante conhecida na comunidade: "Desenvolvimento Territorial: um olhar transformador no Bairro da Paz", uma dissertação do Mestrado Multidisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Administração.

Para a Equipe do Parque Social, a pergunta pertinente era: como se materializa a "[...] ação colaborativa, participativa e conjunta de construção"? Parece evidente que, no caso da pesquisa, o Bairro da Paz é apenas objeto de aprendizagem, os sujeitos são todos externos a ele. Portanto, a "ação colaborativa, participativa e construída conjuntamente" deve se materializar entre os sujeitos da aprendizagem, bem como cabe a eles definir o destino do conhecimento gerado que, eventualmente, pode retornar à comunidade. Não há intenções ocultas, é apenas a lógica desse tipo de pesquisa.

A proposta do Programa Comunidade Empreende estava inserida dentro de uma concepção sistêmica de desenvolvimento local, na qual a articulação interinstitucional e a participação social efetiva eram constantemente combinadas. Essa concepção permitiria superar a simples percepção de crescimento econômico para alcançar maiores objetivos de inclusão social e redução das desigualdades. Ou seja, o tipo de ação define de forma diferente o objeto e os temas de aprendizagem.

A participação deveria ser entendida como o processo de tomada de decisão coletiva, como aponta Carlos Franco: "a participação identificou, em última instância, a presença direta e associada nas decisões (Participar é decidir)" (FRANCO, 1979, p. 32) Em complemento, a suposição correspondente de responsabilidade derivada dessa decisão é o argumento central que identifica a comunidade em sua dupla dimensão de (1) o membro cidadão da comunidade e (2) a organização representativa da comunidade; tanto o cidadão quanto a organização, como sujeitos do processo de aprendizagem; e, a comunidade se insere em um universo geográfico, social, econômico, cultural e político como objeto de aprendizagem; considerando que são os atores sociais (individuais e coletivos) que devem tomar decisões sobre o desenvolvimento de seu bairro.

Ou seja, a "ação de construção colaborativa, participativa e conjunta", já mencionada anteriormente, teve como temas centrais os membros da comunidade, uma vez que foram exclusivas delas as decisões que foram tomadas, e foram elas que atuaram dentro de suas respectivas organizações; os técnicos da ONG Parque Social, por sua vez, alinhados aos papéis de promotores e de apoio, atuaram como sujeitos complementares no processo de aprendizagem.

Assim, uma vez definidos os papéis dos atores sociais e institucionais envolvidos, eles precisavam identificar o método adequado para esse fim; a partir dos primeiros contatos, iniciou-se a construção de um conhecimento que proporcionassem aos atores sociais envolvidos a possibilidade técnica de tomar decisões sobre o desenvolvimento do bairro; e, se houvesse candidatos, que tipo de empreendedorismo eles adotariam.

Para essa construção decidiu-se seguir as orientações de Paulo Freire contidas em seu livro "Para uma Pedagogia da Pergunta":

Insisto que a origem do conhecimento está na pergunta, ou nas perguntas, ou no próprio ato de perguntar; E eu ousou dizer que a primeira língua era uma pergunta, a primeira palavra era, ao mesmo tempo, pergunta e resposta em um ato simultâneo. (...) Parece-me fundamental enfatizar que nossa defesa do ato de fazer de forma alguma considera a pergunta como um jogo intelectualóide; pelo contrário, é necessário que o aluno quando ele pergunta sobre um fato, obtenha através da resposta uma explicação do fato e não uma descrição pura das palavras relacionadas a ele. (FREIRE, 2013, p. 73 - 74)

Quanto ao formato operacional, optou-se por uma composição de oficinas sequenciadas, com visualização móvel e o uso da técnica "das cinco perguntas" disponíveis em diversos livros e manuais sobre o assunto.

3.2 Como obter esse conhecimento: a descoberta do Núcleo

O ponto de partida foi que todos os atores envolvidos no processo tinham algum conhecimento do objeto de aprendizagem, doravante Bairro da Paz; esse conhecimento prévio, conforme anteriormente ressaltado, seria a fonte para a construção de um conhecimento atualizado, válido para todos; por outro lado, o grupo era heterogêneo, composto por jovens, pessoa maduras e aposentados; quanto à escolaridade, apenas um tinha ensino fundamental incompleto e alguns com nível universitário, apresentando uma heterogeneidade que também ocorria quanto "as ocupações.

A opção foi desenhar uma pergunta que fosse respondida individualmente, e que a partir das respostas fornecidas, novas perguntas pudessem ser formuladas. Então, a análise coletiva sucessiva permitiria obter construções de consenso. Lembrando trabalhos semelhantes, a pergunta foi formulada abordando a percepção dos participantes:

No seu dia a dia, enquanto cidadão, que situação mais lhe incomoda?

A condição era que as respostas fossem individuais, escritas com o próprio punho em tarjetas de cartolina, que eram fixadas num grande painel de papel metro com fita crepe, para que pudessem ser substituídas após serem analisadas.

Ao longo da discussão, as respostas foram agrupadas de acordo com o grau de afinidade dos tópicos, reorganizando as tarjetas em blocos, o que foi possível porque foram fixados com fita crepe que facilita esse movimento, cada bloco de respostas foi sintetizado em um, utilizando outra cor, resultando em uma síntese de ideias mais estruturadas e em um número menor.

Nesse ponto de avanço, uma mudança de ritmo foi introduzida: o grupo foi dividido em subgrupos, e cada um deles recebeu como tarefa analisar um dos tópicos contidos nas tarjetas - síntese; para desenvolver essas ideias, foi feita a seguinte pergunta:

Por que essa situação ocorre?

A resposta foi registrada numa tarjeta maior e de outra cor, pois a ideia era obter formulações completas e inteligíveis; cada resposta, que poderia ser mais de uma, por sua vez seria submetida à mesma pergunta:

Por que essa situação ocorre?

Este procedimento poderia atingir um limite de cinco repetições; na prática, nunca houve mais do que três reiterações, porque as respostas passaram a ser repetitivas.

Em seguida, cada subgrupo apresentou seu trabalho ao plenário, recebendo críticas e complementos, que também foram registrados em cartões de outra cor.

Dessa forma, a lista de tarjetas-resultado foi analisada pelo plenário, com a realização de alguns ajustes. Do ponto de vista processual, o que realmente importava era a possibilidade de elencar quais eram os problemas efetivos da Comunidade, e formular uma primeira aproximação da explicação causal.

É interessante ressaltar que o fato de começar a partir da sensação, o que lhe incomoda? – contribuiu para reduzir as diferenças de idade e escolaridade entre os participantes. De alguma forma, o incômodo provocado serviu como filtro e potencializou as informações de diferentes origens. Por outro lado, o significado histórico das contribuições ganhou destaque, permitindo descrever e analisar quando e como determinados eventos ocorreram. A heterogeneidade da composição etária permitiu articular a configuração da situação atual como uma consequência do processo histórico do bairro.

Em apoio ao trabalho de elaboração do grupo, as atividades e os resultados foram divulgados através do Rádio Comunitária (sistema de alto-falantes nas ruas do bairro), que atua sob a liderança da organização do bairro. Durante a ação, ocorreram visitas ao Bairro da Paz, ou seja, os participantes das oficinas percorreram, juntamente com os técnicos de apoio, o espaço físico para (re)descobrir sua dimensão territorial; nesses percursos, era comum o diálogo e a interlocução com outros moradores, que naturalmente queriam saber o que estava sendo discutido nos encontros. A "curiosidade" funcionou com um espaço aberto para ampliar a participação de mais pessoas, com a formulação de novas perguntas que, por sua vez, geraram novos ciclos de aprendizagem. Dessa forma, o processo resultou no envolvimento e na participação da maioria dos membros da comunidade.

O papel da equipe de apoio, basicamente, foi o de gerenciar a dinâmica de trabalho do grupo, para a qual existem técnicas bem desenvolvidas por vários autores. Nesse caso específico, o livro "Dinâmica do Trabalho em Grupo", de Áurea Castilho, publicado em 1998, foi utilizado como referência. Contudo, a aplicação das técnicas indicadas pelo texto, não impede o aparecimento de situações de tensão; essas, quando ocorreram, foram superadas na perspectiva que o interesse coletivo era dominante, e como tal, deveria sobressair sobre os casos individuais.

Outra função da equipe de apoio foi o de fornecer, em versão transmissível, dados oficiais e indicadores do bairro, a serem incorporados à análise coletiva. Essa contribuição só ocorre quando a primeira abordagem analítica já foi feita, a fim de garantir que o conhecimento original seja a base real da análise; os dados oficiais confirmam e/ou melhoram este exercício.

Naturalmente, deveria ser produzido um documento que registrasse o resultado desse processo. Nesse caso, a equipe de suporte técnico assumiu a responsabilidade de escrever a primeira minuta; essa, foi então revisada pelos autores diretos, através da projeção do texto produzido em uma tela; o método de leitura coletiva, permitiu que as correções e os ajustes pertinentes fossem inseridos *in loco*, com a contribuição de todos os participantes.

O resultado foi um documento coletivo: "Bairro da Paz, Situação Atual – Uma visão compartilhada (TINOCO, 2014). Ressalte-se que esse documento, com cerca de 20 cópias completas, foi dividido em blocos parciais, e circulou no Bairro da Paz como material de apoio para a continuidade do trabalho. Nele, estava registrado o que, naquele momento, a comunidade do Bairro da Paz identificava como seus valores distintivos e quais os pontos sensíveis aos seus interesses.

Quadro 1 - Valores distintos e pontos sensíveis aos interesses do Bairro; produzido por residentes participantes.

VALORES DISTINTIVOS	PONTOS SENSÍVEIS AOS SEUS INTERESES
Manifestações culturais;	A educação ainda não atende aos anseios da comunidade;
Capacidade para se organizar;	A questão do meio ambiente não é prioridade;
Resistência e compromisso social;	Prejuízo sofrido por morar no bairro;
Espírito de luta;	Alto índice de trabalho informal e instabilidade financeira;
Autonomia para a ação;	Nem todos conhecem seus direitos e existe acomodação da comunidade para fazer valer seus direitos; e,
A união como um valor arraigado no Bairro;	Falta de políticas públicas que atendam nossas necessidades.
Posse da terra; e,	
Localização estratégica.	

Fonte: Elaboração do autor.

Mesmo para os próprios autores, esse resumo interpretativo de beleza e força singular foi chocante. Igualmente impressionante foi a percepção da existência de um núcleo de moradores, formado para desenvolver o processo de aprendizagem que, no decorrer desse processo assumiu sua liderança e continuidade. Sob o formato de Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social esse núcleo, por um lado, assumiu o processo de aprendizagem e, por outro, contribuiu para o fortalecimento da estrutura organizacional existente, com ênfase na articulação e coordenação com

atores institucionais e sociais externos, por meio da ONG Parque Social.

4 COMO USAR ESSE CONHECIMENTO, PERSPECTIVA

O conhecimento atualizado da situação do Bairro da Paz, concebido como uma entidade viva, dinâmica, em constante mudança, foi o principal insumo para os atores sociais envolvidos tomarem as decisões sobre o futuro do Bairro.

As decisões mais importantes foram, sem dúvida, as do próprio Bairro da Paz e os interesses da ONG foram convergentes com elas. O nível operacional delimitou as possibilidades dessa relação: a ONG atuaria em apoio ao Bairro para a promoção de empreendimentos sociais inseridos em um conceito de desenvolvimento local autônomo e participativo; esse seria o seu limite de sua atuação. A comunidade do bairro teria suas próprias expectativas, que poderiam ou não incluir tais empresas.

Naquele momento crucial, de definição, se expressou a validade do processo de aprendizagem: nenhuma das partes desistiu de suas expectativas, e o encaminhamento foi por construir complementaridades práticas.

As organizações do bairro "descobriram" que estavam passando por um período de baixa atividade econômica, concentradas em ações rotineiras ou, no caso da obra construção do Metrô, uma emergência explícita e inevitável; ou seja, uma situação em que parecia que, tendo obtido a propriedade da terra, todos os objetivos haviam sido alcançados, ou quase, o que gerou uma tendência de desmobilização. Ou seja, o processo até então executado contribuiu para a atualização da perspectiva como elemento de aprendizagem no sentido descrito por Anton Makarenko: a organização de novas perspectivas, o uso daqueles que já existem e a abordagem gradual das mais valiosas. (MAKARENKO, 1986, p. 172)

A atualização estruturada de sua análise, expressa no referido documento, Bairro da Paz, Situação Atual – Uma Visão Compartilhada, teve o impacto imediato de destacar novas perspectivas, listadas nos pontos sensíveis aos interesses da Comunidade.

O processo de aprendizagem abriu aqui duas linhas paralelas e complementares: as perspectivas globais do bairro e o surgimento de grupos interessados em ser empreendedores sociais; esse último grupo de interesse teria o apoio estruturado da Equipe do Parque Social, já que essa era sua missão. As perspectivas globais do Bairro da Paz seguiriam sua própria dinâmica, na qual o apoio da Equipe assumiu o papel de provedor de contatos e articulações externas.

Na linha do Bairro, as organizações do Bairro da Paz, em seu nome, desenvolveram extensas ações que levaram à atualização de sua estrutura: organizações que renovaram sua liderança, surgimento de novas organizações, atualização de sua situação jurídica, quando necessário, dinamização de suas atividades, o que levou, após alguns meses, à renovação e atualização de suas organizações centrais:

- a. O Conselho de Moradores - a primeira organização integrada dos moradores do bairro que passou a ter até 90% de aprovação da população assentada,

renovou seu Conselho de Administração e reforçou seu papel executivo;

- b. O Fórum Permanente de Entidades do Bairro da Paz; criado em setembro de 2007, com o apoio da Universidade Federal da Bahia (UFBA), do Centro de Referência de Ação Social (CRAS) e do Clã Periférico, com a participação de 44 entidades com o objetivo de articular e fortalecer as entidades do Bairro; consolidou seu papel consultivo.

Na segunda linha, do empreendedorismo social, o Bairro da Paz identificou grupos de interesse que entendiam esse espaço como uma alternativa para o desenvolvimento tanto como pessoa quanto como grupo, além de fortalecer novas perspectivas de desenvolvimento; essa linha gerou o Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social. Esse Fórum como organização adequada para atender ao objetivo geral do Programa, especificamente relacionada ao desenvolvimento da organização comunitária, dos ativos comunitários e da educação cidadã. Ao mesmo tempo, a criação do fórum imprimiu a marca da ONG Parque Social, cuja missão era ser um facilitador da transformação da realidade local. Em outros termos, foi gerada uma instância de coordenação operacional dos candidatos a empreendedores com a organização do Bairro da Paz e instituições de apoio externo.

4.1 Novo espaço de aprendizagem

Nesse ponto, o processo de aprendizagem retornou ao Núcleo, ampliado com participantes voluntários, que teve como apoio básico o Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social; novamente em formato de oficina.

A primeira pergunta é confirmar e ampliar o conteúdo do documento "Bairro da Paz, Situação Atual – Uma visão compartilhada", com respostas individuais, utilizando a técnica de visualização móvel já descrita. Neste caso, a pergunta provocava uma reflexão sobre o comprometimento dos participantes:

O que está sendo feito para superar essa situação hoje, o que você sabe?

As respostas dos voluntários sugeriram que a atuação do Núcleo foi efetiva no processo de geração de conhecimento atualizado do Bairro da Paz, que discutiu o documento produzido, inteiro ou dividido por temas. Quase naturalmente, a questão seguinte conduziu o debate à realidade atual:

O que você acha que pode ser feito para avançar nessa situação?

As respostas mostraram a criatividade dos moradores e permitiram canalizar a reflexão para o fortalecimento do compromisso da Comunidade; sob essa ótica, a pergunta seguinte foi:

Quais são as ações sob a responsabilidade da comunidade para enfrentar esses problemas?

A combinação das respostas a essas duas perguntas permitiu identificar os temas de interesse para os prováveis empreendimentos, juntamente com a diferenciação dos papéis dos grupos de interesse com os elementos de apoio. As oficinas desse tipo permitiram identificar quais os temas potenciais do empreendedorismo social:

- a. Educação - Sob o nome de fantasia CRIALUD, metodologia lúdica e criativa de formação de equipes integradas de educadores, que incluiu na categoria educadores todos os profissionais de uma unidade escolar, em contato direto e indireto com os alunos e seus familiares;
- b. Comunicação - adotado o nome de fantasia BAIRRO DA PAZ NEWS, definiu como foco a divulgação de informações confiáveis, seguras, de qualidade e atualizadas, apoiando um debate mais qualificado sobre as realidades locais na mídia comunitária e/ou mídia em geral;
- c. Reciclagem 01 - sob o nome fantasia VIDA ACTIVA, pretendeu desenvolver a fabricação e o fornecimento de equipamentos de PVC para pessoas com deficiência motora, além de outros equipamentos, utilizando restos de construção civil;
- d. Reciclagem 02 - reestruturação da COOPERPAZ para gestão de resíduos sólidos;
- e. Cultura 01 - com o nome de fantasia CALÇACURTA, essa proposta previu a formação de um grupo de teatro focado em apresentações diretas, Web Series e a formação de novos quadros nas diversas funções da atividade teatral;
- f. Cultura 02 - com o nome de fantasia CENPROART, empresa de qualificação e produção de artistas locais, em seu escopo constavam a realização de eventos de exposição e o lançamento para que tenham visibilidade e, assim, possam ser contratados e comprometidos nos diversos aspectos de eventos populares ou não populares;
- g. Cultura 03 - GRUPO CASULO PRODUÇÕES, desenvolvimento da identidade cultural, crítica e criativa de crianças e jovens em nossas comunidades de Salvador, através da prática do Hip Hop, com o objetivo de melhorar as relações dos jovens estudantes com a escola e família e reduzir a evasão escolar;
- h. Artesanato: sob o nome de fantasia CATASINHOS, pretendia apoiar a profissionalização da gestão, diferenciação no design e identidade do artesanato que já são praticados no bairro, ampliando a produção e comercialização.

É fácil verificar que os tópicos identificados foram consistentes com o resumo interpretativo registrado no Quadro 1 anterior; portanto, com os tópicos e *stakeholders* identificados, a próxima área de aprendizagem foi o pacote de elementos "técnicos" que levariam cada uma das propostas a um Plano de Negócios; as aspas são deliberadas, pois essa característica de "técnico" teria que ser adequada à realidade dos grupos de empreendedores.

O Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social assumiu o papel de coordenar o apoio para atender essas necessidades; assim, diversas organizações civis que atuavam naquele espaço contribuíram para o desenvolvimento de temas especializados a partir de uma perspectiva participativa, menos acadêmica. Dessa forma, centros de estudo e pesquisa, como a UNIJORGE, realizaram contribuições importantes; para que os documentos técnicos necessários fossem elaborados pelas partes interessadas e não apenas oferecidos pelos técnicos.

Nessa linha de pensamento, uma decisão foi inteiramente exclusiva dos *stakeholders*: definir a dimensão financeira de cada projeto; ou seja, quanto ganhar na empresa? Portanto, o processo de aprendizagem entrou em um ponto muito sensível para todos: o aspecto financeiro no nível familiar.

Na proposta inicial, foi afirmado que o empreendedorismo social teria um escopo diferenciado do empreendedorismo privado em (1) produzir bens e serviços para resolver problemas sociais, não necessariamente para vender; e (2), portanto, não visando mercados, mas segmentos da população em risco social (exclusão social, pobreza, risco de vida).

A primeira característica foi totalmente cumprida; porém, mesmo no espírito de contribuir para a solução dos problemas sociais, é evidente que ninguém pode pagar para trabalhar; especialmente quando foi identificado que uma das limitações desse tipo de empresas tem como limite crucial a ausência de políticas públicas de apoio ou as restrições menos visíveis derivadas das políticas macroeconômicas vigentes.

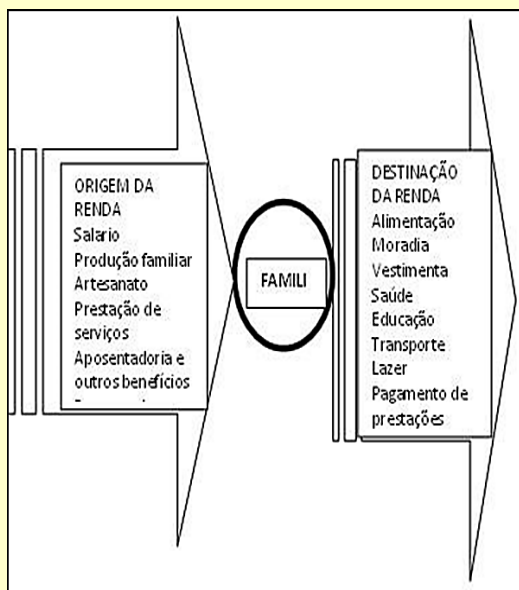
A alternativa encontrada para discutir essa questão foi a análise da renda familiar, neste caso entendida como o fluxo monetário e não monetário que permitiria satisfazer as necessidades da família; fato verificável na vida de qualquer família e que, portanto, tem grande atração de interesse em todos os seus membros, pois está diretamente relacionado à satisfação de suas necessidades e à possibilidade de melhorá-las, o que facilmente abre o entendimento do que é considerado desenvolvimento pela família. Além disso, é mensurável e seu entendimento (como renda) permanece estável por períodos de tempo superior a cinco anos. Para uso operacional, foi projetado o esquema da Figura 1. Esse esquema incluiu, como é fácil verificar, elementos não monetários, em todos os componentes da renda. Na sua origem, a produção própria para o autoconsumo equivale a um recurso monetário que não entra no fluxo de liquidez da família, na direção oposta, na alocação de renda, é um recurso financeiro que deixa de ser gasto.

As múltiplas inter-relações evidenciadas pela renda são, ao mesmo tempo, a explicação de porque os membros da família são atraídos para se aproximarem de suas análises, mas também podem ser uma fonte de limitações na abordagem deles, por várias razões. Optou-se, portanto, por trabalhar apenas com as famílias que voluntariamente concordaram em fazê-lo, mantendo o anonimato das informações.

Considerando que seu uso deveria ter uma função reflexiva, foi escolhido um esquema de levantamento simplificado, sem rigor estatístico, para que os membros de cada grupo de interesse, com formação básica, assumissem essa tarefa.

A orientação foi iniciar a pesquisa com base em informações de renda. Na prática, isso possibilitou destacar a importância da mulher na família, que demonstrou um domínio mais completo e seguro do assunto do que os membros do sexo masculino e aproveitou para colocar questões específicas da abordagem de gênero na agenda; mas, principalmente, a gestão de recursos escassos diante das reais necessidades da família, incluindo a ginástica, como o pagamento da conta de energia apenas no terceiro mês, quando o serviço está prestes a ser cortado, para poder enfrentar alguma outra emergência, como casos de saúde, por exemplo.

Figura 1 – Renda familiar, fluxo de recursos monetários e não monetários.



Fonte: Elaboração do autor, com base em Giovenardi (1997).

Ao fazer os cálculos e consolidações por parte dos *stakeholders*, foi possível abordar a discussão de questões como a inter-relação entre a prestação de serviços sociais e a responsabilidade do governo, como as relacionadas à educação, saúde, saneamento, infraestrutura rodoviária e outros, identificando seu impacto no cotidiano familiar.

Com o valor calculado dessa forma, enfrentou-se o desafio da identificação de fontes de renda. Quando a discrepância do novo valor calculado foi significativa, foi abordada a análise de temas como capacidade de poupança, capitalização ou descapitalização, endividamento, capacidade de empréstimo e outros.

A comparação da contribuição de diferentes fontes para a formação da renda familiar permitiu a discussão da sustentabilidade familiar, tecnologia, políticas de bem-estar, educação, saúde e outras questões

Para completar a análise sobre o futuro desejado, as aspirações da família, a pergunta feita foi:

Independentemente da origem do recurso, em que você modificaria o destino de sua renda para ter uma situação considerada satisfatória?

Esse exercício permitiu medir, em termos de renda, as aspirações familiares de melhoria integral, considerando que a projeção foi feita item por item; assim, estabeleceu simultaneamente os laços com o futuro do Bairro da Paz, seu território, pois as propostas se concentraram na solução de problemas sociais naquele universo e no próprio futuro individual e familiar.

Esse foi o ponto de partida para deliberar, em cada grupo de interesse, quais eram as alternativas para alcançar a renda desejada; primeiro, ampliando algumas das fontes atuais e, depois, as alternativas identificadas, entre as quais estão o empreendedorismo social; cada *stakeholder* construiu assim a dimensão básica do tamanho econômico do

empreendimento; isso possibilitou iniciar os processos técnicos de formulação dos Planos de Negócios de cada iniciativa.

Assim, desde a pesquisa (realizada pelos *stakeholders*) até sua sistematização e consolidação no nível de *stakeholder*, o indicador de renda familiar facilitou o processo reflexivo, sistemático e coletivo de potenciais empreendedores.

O Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social teve, naquele período, um importante papel como centro de aprendizagem e como fonte de articulação dentro do Bairro da Paz e em seu entorno com entidades dispostas a colaborar.

Assim, para dar integralidade às diversas propostas de empreendedorismo social, o Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social promoveu ações integrativas, entre as quais duas tiveram um impacto diferenciado: a primeira, foi o evento cultural "Boca de Brasa" que, além do desejo de empreender, mostrou a si mesmos e estranhos o potencial cultural do Bairro da Paz; o segundo, foi o evento de lançamento das formulações de empreendedorismo propostas que reuniram toda a comunidade, suas organizações, potenciais entidades de financiamento, universidades, outros bairros, entre outros.

4.2 Resultados

As novas perspectivas das organizações do Bairro da Paz foram, sem dúvida, o resultado mais importante daquele processo de aprendizagem; afinal, a dinâmica gerada foi bem mais ampla do que os objetivos iniciais da ONG Parque Social; pode-se dizer que eles alcançam seus potenciais objetivos a longo prazo.

Para a ONG Parque Social, o fato de ultrapassar o objetivo original de quatro projetos de empreendedorismo social, na verdade, ter seis na Feira de Lançamento, como previsto para a sexta etapa da metodologia e, ainda, três projetos no nível da ideia; foi um resultado satisfatório; incluindo projeções para o futuro.

Ambos, o Bairro da Paz e a ONG Parque Social, podem reconhecer como resultado relevante uma aprendizagem efetiva em duas dimensões: ao nível de ator social, moradores e líderes do Bairro da Paz e funcionários do Parque Social; o Bairro da Paz com sua organização atualizada e dinâmica e ambos com projetos de empreendedorismo social; e, ao nível do ator institucional, as organizações do Bairro da Paz e da própria ONG Parque Social, bem como as instituições sociais que testaram seus protocolos; além de uma metodologia atualizada e baseada na prática.

5 CONCLUSÕES

O ensino e a aprendizagem, por meio de processos simultâneos de colaboração, participação e construção conjunta, não só são possíveis, e gratificantes, como demonstrado pela experiência no Bairro da Paz; mas necessário e urgente, se considerarmos o nível de problemas urbanos envolvidos e a dificuldade de processar sua solução com abordagens externas.

A experiência mostrou que a identificação dos sujeitos de aprendizagem e sua relação com o objeto de aprendizagem foi um ponto crucial; a preocupação de fazer as principais

perguntas em cada tópico de aprendizagem foi outro elemento de extrema importância; além de manter rigorosamente o papel de apoio da Equipe Técnica, para que os moradores se expressassem livremente, diante deles e incorporassem como rotina a construção de novos conhecimentos de acordo com suas necessidades. Neste caso, o do Bairro da Paz, o resultado foi considerado altamente positivo.

Deve também registrar o senso coletivo de aprendizagem que precisa de organização, mas ao mesmo tempo gera e melhora a organização com base na atualização e expansão das perspectivas coletivas. Ou seja, a participação dos cidadãos apresenta vantagens óbvias e passa necessariamente pelo processo de aprendizagem que permite a tomada de decisão consciente e comprometida que facilita uma prática eficaz.

REFERÊNCIAS

- ASHOKA. **Empreendedorismo social**. Disponível em: <http://www.ashoka.org.br/visao/empreendedorismosocial/>>. Acesso em: 01 jun. 2013.
- CASTILHO, Áurea. **Dinâmica de trabalho em grupo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.
- CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. **Colaboração, trabalho em equipe e as tecnologias de comunicação**: relações de proximidade em Cursos de Pós-Graduação. [s.l.] Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000.
- DANTAS, Idimara Maria Paes. **Desenvolvimento territorial**: um olhar transformador sobre o Bairro da Paz. Universidade Federal da Bahia Faculdade de Administração, Mestrado Multidisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social. Salvador. 2011.
- FRANCO, Carlos. **Perú**: participación popular. Lima: CEDEP, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Por una pedagogía de la pregunta**: crítica a una educación basada en respuestas a preguntas inexistentes. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.
- GIOVENARDI, Eugenio et all. **Renda: meta focal**. objetividade dos planos de desenvolvimento.
- MAGALHÃES, Antonio Carlos Silva. **Análise de segurança da população do entorno da Av. Paralela, em Salvador**: o exemplo do Bairro Mussurunga e Bairro da Paz. UFBA, Salvador. 2011.
- MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, Cesar. **Responsabilidade social e cidadania empresarial**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- MAKARENKO, Anton. **Poema Pedagógico** – Vol. III. Moscou: Editorial Progreso, 1986.
- SENGE, Peter et all. **A quinta disciplina**: cadernos de campo: estratégias e ferramentas para construir uma organização que aprende. Tradução Antonio Roberto Maia da Silva. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.
- TINOCO, Jesus Enrique, et all. **Bairro da Paz**. Situação Atual – Uma visão compartilhada. Salvador. 2014. (manuscrito)